

Por obra e graça do Espírito Santo

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Gesticulando muito e mostrando-se perturbada pelas câmeras de televisão, a poetisa Adélia Prado, mineira de Divinópolis, dispensou o microfone, meteu-se no meio do público e falou por mais de duas horas, com seu sotaque carregado no segundo depoimento do projeto Cultura de Primeira Classe, patrocinado pela empresa Continental 2001.

Adélia Prado ou Délia, Adel, Lea e ainda Adélia de Freitas (sobrenome do marido), como assinava quando escrevia num jornalzinho de sua cidade — estreou tardiamente na literatura, já quarentona, incentivada pelo amigo Charles (apelido carinhoso que deu a Carlos Drummond de Andrade):

— Fazer 40 anos é demais para uma mulher. Eu não agüentei e escrevi *Bagagem* — E em um poema daquele livro ela se apresentava aos leitores parodiando o poeta de Itabira: “Vai ser *gauche* na vida é maldição de homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.”

No lançamento de *Bagagem*, lembrou Adélia, fazia 23 anos que não ia ao Rio de Janeiro, e mal se conteve ao ver Drummond e Clarice Lispector nas comemorações de sua estréia como escritora. Sentiu vergonha. Mas hoje está consciente de que a sua obra “tem validade, porque, graças a Deus, é muito superior a mim”, acrescentou já sem timidez a autora de *Solte os cachorros* e *O pelicano*.

Filha de ferroviário, formada em filosofia e professora de religião, Adélia Prado é muito simples e gosta disso. “A glória é ridícula”, afirma. “O artista exhibe a sua coroa de ouro, mas a coroa é muito mais bonita do que ele, tadinho”. E novamente evoca Drummond, que um dia lhe disse que as grandes obras só saem de verdadeiros cafajestes. Ela ri aos pulinhos, bem-humorada e travessa.

Para Adélia, “o moço que faz esculturas lá em Divinópolis e batiza de *Trabisonga* o seu trabalho é tão bom como Octavio Paz ou Guimarães Rosa”. Encara com a mesma naturalidade o ato de cozinhar para os cinco filhos e para o marido.

Zé, funcionário aposentado do Banco do Brasil (que, por sinal, assistia nas primeiras filas do auditório), e o ato de escrever. “Enquanto escrevo um livro, outro constrói um fogão, mas nós dois só estamos procurando atividades para sermos felizes neste mundo. Só que escrever, para mim, é um processo não lógico, nascido na região do espírito”.

Ela só descobriu que tinha um estilo, quem diria, há pouco tempo. Até encontrar a sua própria dicção, contou, achava que tudo o que escrevia cheirava a outros autores, dos quais ficava impregnada em determinados períodos. Mas estava equivocada, percebeu depois, já com os sentidos mais afiados: “Todo mundo tem um estilo próprio, menos Deus, que é despersonalizado. O estilo é o limite”. Quando a indagaram sobre a origem dessa sua marca pessoal, respondeu sem vacilar: “Vem do Espírito Santo”.

Até algum tempo, Adélia não acreditava que tinha inconsciente e achava “que ele não passava de frescura de analista”. Agora, porém, considera a leitura de Jung “salvadora”. Em muitos trechos de *O pelicano* seu livro mais recente, ela já identifica sinais daquela região outrora desprezada.

Adélia Prado confessa que descobriu o inconsciente e localiza numa região ilógica a origem do seu trabalho criativo

